

**MUSEU DA VIDA | CASA DE OSWALDO CRUZ | FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DA CIÊNCIA | UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FUNDAÇÃO CECIERJ  
MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA, DA  
TECNOLOGIA E DA SAÚDE**

**Paulo Ferreira de Menezes Filho**

**A Quinta de Glaziou. A *Aula-passeio* como divulgação  
científica**

**Rio de Janeiro, janeiro de 2010**

**Paulo Ferreira de Menezes Filho**

**A Quinta de Glaziou. *A Aula-passeio* como divulgação científica**

Monografia apresentada ao Museu da Vida | Casa de Oswaldo Cruz | Fundação Oswaldo Cruz, para a obtenção do título de especialista em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde.

Orientador: Profa. (Dra, MSc). Alda Heizer

**Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 2010**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me proporcionou a realização de um sonho.

A minha esposa Vilma Alcantara de Menezes, por tantas vezes se sacrificar para dividir comigo a oportunidade de estudar, e por ajudar-me nessa pesquisa.

A meu filho, por ter sido um ajudante e tanto, consertando várias vezes o instrumento de trabalho – o computador –, e pela paciência.

A minha orientadora, Prof. Alda Heizer, por ter estendido a mão na hora de muita dificuldade, pelo empenho e pela dedicação.

A todos os companheiros da biblioteca e do Arquivo do Museu Nacional.

A todos que de alguma maneira me ajudaram na realização deste trabalho.

Obrigado

## RESUMO

Esta pesquisa pretende relacionar aspectos importantes da obra de Auguste François Marie Glaziou, na Quinta da Boa Vista, com as técnicas da *Aula-Passeio* desenvolvidas pelo pedagogo Célestin Freinet .

Acreditamos que seja possível utilizar da *Aula-Passeio* como um instrumento facilitador no processo de divulgação da ciência *percorrendo* os caminhos dos jardins de Glaziou, na Quinta da Boa Vista, com os grupos que diariamente visitam a antiga casa do imperador Pedro II , em São Cristóvão.

**Palavras-chave:** aula-passeio;divulgação científica;paisagismo

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Paço de São Cristovão(1817-1826). Gravura de Henderson.  
Museu Nacional

Figura 2-Rua Direita –.Rio de Janeiro .Viagem Pitoresca através do  
Brasil).Rugendas

Figura 3 – Lavadeiras do Rio de Janeiro .Viagem Pitoresca através do  
Brasil

Figura 4 – Quinta da Boa Vista .Nicolas Antoine Taunay . Museu  
Nacional

Figura 5 – Projeto de Glaziou da reforma dos jardins da imperial Quinta  
da Boa Vista

Figura 6- Realização de **Aula-passeio**( sob a minha orientação) na  
Quinta da Boa Vista. Projeto Por Dentro da Quinta.

Figura 7- Realização de **Aula-Passeio**( sob a minha orientação) na  
Quinta da Boa Vista. Projeto Por Dentro da Quinta.

Figura 8 – Foto de uma participante da **Aula- Passeio** (sob a minha  
orientação) na Quinta da boa Vista. Projeto Por dentro da Quinta.

Figura 9 – Dedicatória escrita no verso da figura 8, pela participante da  
**Aula- Passeio** (sob a minha orientação) na Quinta da boa Vista. Projeto Por dentro  
da Quinta.

**SUMÁRIO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA, DA**  
**TECNOLOGIA E DA SAÚDE**  
**Paulo Ferreira de Menezes Filho**

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo 1- A Fazenda Jesuíta de São Cristóvão</b>	<b>2</b>
<b>Capítulo 2- Alguns elementos do contexto histórico do período joanino</b>	<b>4</b>
2.1. O cenário urbano encontrado por d. João	5
2.2. O quadro urbano do Rio de Janeiro sob o olhar de Rugendas	7
<b>Capítulo 3. A Quinta da Boa Vista antes de Glaziou</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo 4. Um paisagista a convite do imperador</b>	<b>11</b>
4.1. <i>Os Jardins Sinuosos de Glaziou</i>	15
4.2. Outros elementos para refletir sobre a obra de Glaziou	18
4.3. A Quinta de Glaziou	19
<b>Capítulo 5. Aula-passeio, um recurso didático</b>	<b>20</b>
5.1. A aula-passeio como estratégia de divulgação científica	22
5.2. A aula-passeio num museu ao ar livre	22
5.3. O Bluetooth da Ciência e a aula-passeio	23
5.4. O desenvolvimento do projeto aula-passeio	23
5.5. A realização do projeto	24
5.6. O roteiro das <i>aulas-passeio</i> na Quinta da Boa Vista	25
5.7. Temas ministrados na <i>aula-passeio</i>	27
5.8. Figueira brava	27
5.9. Experiência prática	28
<b>Considerações finais</b>	<b>28</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>29</b>
<b>Anexos</b>	

## INTRODUÇÃO

Iniciaremos nosso trabalho contextualizando as características paisagísticas do Rio de Janeiro, no período joanino, e início do século XIX, com as importantes transformações ocorridas nas formas e funções das edificações do Paço Imperial de São Cristóvão e, principalmente, as contribuições paisagísticas do arquiteto francês August François Marie Glaziou, contratado pelo imperador Dom Pedro II, na metade do século XIX, para organizar a então Imperial Quinta da Boa Vista no Rio de Janeiro.

A presente monografia pretende contribuir para os estudos sobre a divulgação dos elementos paisagísticos criados por Glaziou na Imperial Quinta da Boa Vista.

Faz-se necessário ressaltar que o Rio de Janeiro foi capital do país por quase dois séculos, de 1763 a 1960. A cidade sempre chamou atenção de artistas e intelectuais não apenas pela sua beleza, mas também por ser aqui a sede do debate das grandes questões políticas e socioculturais ao longo do tempo. É possível reconhecer que do Rio de Janeiro sempre se desenhou o Brasil para o mundo.

O Paço Imperial de São Cristóvão, durante o século XIX, foi o centro das decisões políticas do Brasil e permanece como um dos principais locais de produção científica e histórico-cultural do país. Conseqüentemente surge daí a necessidade de fortalecer os mecanismos de proteção do patrimônio ambiental científico e histórico-cultural por meio da conservação, valorização e divulgação de seus acervos científicos. Se procedermos com essa estratégia, conseguiremos, todos nós, de forma engajada e atualizada, refletir e valorizar, não apenas os fatos passados, mas aceitar o novo desafio de democratizar o conhecimento científico entre a população carioca, além de contribuir com a preservação do nosso legado científico, para o acesso de gerações futuras, sem que se tenha a pretensão de exaurir esse tema, mas preparar o terreno, contribuir, para o surgimento de novas pesquisas.

## Capítulo 1 - A Fazenda Jesuíta de São Cristóvão

Segundo Gomes & Mota (2007, p.11-12), a Quinta Boa Vista é uma pequena área da Fazenda de São Cristóvão, parte da sesmaria concedida aos jesuítas por Estácio de Sá (1489-1567), por requerimento do padre Gonçalo de Oliveira (representando o padre Manoel da Nóbrega, que chefiava os Jesuítas no Brasil) em 1º de junho de 1565. Seu despacho foi registrado em 27 de setembro de 1565 no livro sesmaria e a doação confirmada por Mem de Sá em 30 de agosto de 1567, por ordem de El-Rei. O auto da posse se fez em dezembro de 1567, e seu registro, em 19 de julho de 1568, pelo juiz Eleodoro Eobano. Mais tarde, entre 1577 e 1598, Salvador de Sá fez aumentar essas terras.

A área da Sesmaria do colégio da Companhia de Jesus abrangia boa parte da Zona Norte, pois tinha como limite a nascente do rio Iguaçu (no caso, rio Coqueiros, Catumbi ou Papa-couves, hoje, rio Comprido) até sua foz no alagado da Gamboa Grande (manguezal de São Diogo) e daí, por cima, o morro do Nhéco ou Santa Tereza, atual morro do Pinto e da Providencia, até o mar, onde cortava a ilha dos Cães ou da Moças (hoje desaparecida no aterro da av. Rodrigues Alves – Cais do Porto). Nesse ponto, mudava de direção e acompanhava o litoral, englobando a ilha de João Damasceno ou dos Melões, e outras, como Pombeba e Santa Bárbara, indo até Saco de Inhaúma (rio Faria ou rio Timbó, hoje rio Faria Timbó). Por outro lado, partindo da mesma nascente, seguia o limite em reta até a Pedra do Bispo (Morro da Formiga – Serra da Carioca, próximo ao Sumaré – Pedra Lisa na Serra da carioca e Serra dos Pretos Forros), onde, mudando de rumo, acompanhava os contrafortes da Serra da Tijuca e do Andaraí, seguindo para NE na direção de outro morro (Morro de Inácio Dias, provavelmente o de Cascadura), de onde novamente mudava de rumo, seguindo pela Tapera de Inhaúma até o mar.

Essa sesmaria tinha que ser povoada, para que não ficasse abandonada. Sendo assim, os jesuítas edificaram um engenho e desdobraram as terras em três: Fazenda do Engenho, Fazenda de São Cristóvão e, em seguida, Novo Engenho, ficando o primitivo conhecido como Engenho Velho. As fazendas mais tarde deram nomes aos bairros – Engenho Velho (onde, em 1572 ou 1575, se edificou uma



igreja, hoje de São Francisco Xavier, na rua do mesmo nome – e a casa da Fazenda); São Cristóvão, Caju, Engenho Novo de Inhaúma (Silva, 1965, p.29-30).

O controle da área dessas fazendas, até o meado do século XVII, foi exercido pela Companhia de Jesus. Praticamente a totalidade de terras pertencia aos Jesuítas. Até porque a quantidade das terras controladas pelos religiosos excedia o que lhes havia sido doado pela Coroa. Vários conflitos envolveram o Senado da Câmara e os jesuítas nas disputas pelas terras que sobejavam. Mas a municipalidade nunca teve controle algum sobre os padres. Algumas vezes a Câmara entrou pelas terras do colégio, ávidos em medi-las, mas os Jesuítas embargavam-lhe a medição e impediam que se soubesse o que realmente possuíam.

Porém, em 1759, através do alvará Régio de 3 de setembro e a carta Régia de 4 outubro de 1759, São Cristóvão recebeu um impacto mais direto, com a expulsão dos jesuítas de Portugal e dos domínios das colônias da Coroa portuguesa. Incentivado pelo marquês de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Melo), o rei dom José I determinou que os bens dos jesuítas fossem inventariados e sequestrados para serem incorporados ao erário real, exceto o que estivessem diretamente vinculados às atividades de culto e caridade. Fazendo cumprir a Bula de Bento XVI, a ordem foi executada por Gomes Freire de Andrade (conde de Borbadela), governador da Capitania Real do Rio de Janeiro. O sequestro da fazenda de São Cristóvão foi despachado em 9 de novembro de 1759 pelo desembargador de Agravos da Relação, dr. Manuel de Afonso Brandão, por ordem do conde de Borbadela.

A cidade do Rio de Janeiro com a expulsão dos jesuítas e com a mudança da capital da colônia de Salvador para o Rio de Janeiro, em 1763, viveu um importante impacto em seu desenvolvimento. São Cristóvão sentiu seus reflexos: as terras da fazenda jesuítica de São Cristóvão, do Engenho Velho e do Engenho Novo e todas as propriedades que pertenciam aos jesuítas foram subdivididas em grandes chácaras. O que possibilitou o início da ocupação de São Cristóvão de maneira abrangente, com limites de propriedades definitivas.

Parcelados as fazendas e engenhos que pertenceram aos jesuítas em aproximadamente 200 lotes, Elias Antonio Lopes, comerciante luso-libanês, atacadista e armador de navios, estabelecido à rua Direita (cf. *O Almanaque do Rio*

de Janeiro, de 1792, apud Gomes & Mota, 2007), adquiriu, em 1803, um dos lotes onde estava instalada uma grande residência na área mais alta da fazenda. O casarão passava por uma reforma pois serviria de residência real, com a vinda do príncipe regente D. João e sua Corte para o Brasil. **(Figura 1)**

## **Capítulo 2- Alguns elementos do contexto histórico do período joanino**

No Início do século XIX, Napoleão Bonaparte, em confronto direto com a Inglaterra, maior centro capitalista e industrial do período, decretou, em 1806, o Bloqueio Continental. O plano era vencer a Inglaterra através do isolamento comercial que proibia qualquer país europeu, e suas colônias, de comercializar com os ingleses.

O príncipe regente de Portugal, d. João, não acatou de imediato a imposição do bloqueio, pois dependia economicamente da Inglaterra. Diante das pressões, porém, ele foi obrigado a aceitar uma convenção secreta entre Inglaterra e Portugal que definia a transferência da sede da monarquia portuguesa para sua colônia na América, a integração da marinha lusa à Inglaterra e as facilidades comerciais inglesas no Brasil, entre outros acertos, em troca da proteção oferecida pelos britânicos (Vicentino & Dorico, 2001).

A hesitação do regente português em apoiá-lo fez com que Napoleão, que havia dominado a Espanha, determinasse a invasão do país luso, a derrubada do governo e da dinastia de Bragança, e o desmembramento do reino e suas colônias. Em novembro de 1807, diante da invasão das tropas franco-espanholas, a família real, e com ela cerca de 15 mil pessoas, abandonaram Portugal, carregando tudo o que podiam. Em Portugal o povo ficou a reclamar:

“... O que por hai vae de malas e de povo pelos lados do rio! O que estas naus estão a engolir em mercadorias e gente! Embarca o paiz inteiro!...”

... Isso é uma miséria! Partirem assim, sem dizer... água vae, levando as nossas riquezas, deixando-nos aos corvos!

... E vão todos! Continuava o rapaz das melenas, indignado, furioso, insistindo, a confundir co seu verbo violento o silencio inconcebível de Agostinho...

... E carregam tudo, que é o pior, acrescentou o poeta Bigres, simpático à rajada do rapazote. Levam tudo para o Brasil, que em Portugal só ficam, agora, a miséria e a vergonha. Venho de Belém. É um escândalo. O que eles levam! Não deixam nada. Até o supérfluo embarca. Vão canastras cheias de água de cheiro, de vermelhão para os lábios, de tafetás para os peraltas, de meias de filó... Homem, até gatos de estimação embarcam, que é de ouvir o miar que pior lá vai, em sacos e gaiolas, postas à chuva! Pobres bichanos!

Quanto a dinheiro, raspam-no, todo que havia nos Erário, mesmo as moedinhas de cobre caídas por terra, embarcam.. Todo o nosso rico e santo dinheirinho!...

(...) quase um milhão de cruzados, calculou o Silva. Os livros das bibliotecas embarcam! Vão para ver se os pretos do Brasil os querem ler. As telas dos grandes pintores, idem. Em Queluz só deixaram ficar as paredes, filhos; o resto já embarcou.” (Edmundo, 1940, p.57)

Após 54 dias de viagem, a frota principal (Nau *Príncipe Real*), desviada por uma tempestade, chegou a Salvador, na Bahia, onde D. João cumprindo seu acordo com os ingleses decretou a abertura dos portos às nações amigas. Um mês depois, a esquadra seguiu para a capital da colônia.

## 2.1. O cenário urbano encontrado por d. João

Com chegada de d.João ao Rio de Janeiro, as melhores casas foram desocupadas para acomodar a Corte que acompanhava o príncipe. O desembarque foi saudado por fogos de artifício, sinos e tiros de canhão disparados da fortaleza e embarcações. Uma multidão assistiu ao espetáculo do alto do morro do Castelo. Em seguida, o príncipe regente implementou uma série de transformações sociais e econômicas que visavam o funcionamento da administração do governo, a vinda e a permanência do rei de Portugal no país. As transformações na Corte duraram 13 anos e causaram um significativo impacto no contexto político, sociocultural, econômico e científico da colônia.

Contudo, ressaltam Azevedo *et al.* (2007, p.11), a chegada da Corte abriu espaço para a criação de uma série de instituições acadêmicas, culturais e científicas no Rio de Janeiro, que passou a ser capital da colônia desde 1763. No entanto, continuava a vigorar um caráter restritivo: era subordinada a Portugal.

Transformada na capital do Império Luso, o Rio de Janeiro ganhou ares europeus e passou a ser o centro das decisões políticas do reino português. Para isso foram criadas instalações de órgãos públicos – tribunais, a Casa da Moeda, o Banco do Brasil, a Imprensa Régia, o Horto Real (atual jardim Botânico), a Academia Real de Belas-Artes, a Real Biblioteca (atual Biblioteca Nacional), a fundação do Museu Real (atual Museu Nacional), as escolas Anatômica, Cirúrgica e Médica em 1808, a Academia Militar Real, em 1810, e o Teatro Real São José. A administração de d. João também propiciou a vinda do que ficou conhecido como Missão Artística Francesa, responsável por retratar paisagens e costumes nativos – tendo como um dos principais representantes o pintor Jean-Baptiste Debret.

“Ao chegar ao Rio de Janeiro, a Corte encontrou um cenário urbano marcado pela influência dos costumes orientais. A própria arquitetura das casas coloniais trazia um traço característico dessa influência: o muxarabi – esse era o nome árabe dado a uma estrutura plana de madeira, de moldura retangular, que revestia a fachada das casas. Como uma espécie de janela, o muxarabi era formado por uma grade de ripas entrecruzadas, chamada rótula ou gelosia, por onde a luz entrava. Quem estava do lado de fora não conseguia ver o lado de dentro da casa, mas quem estava em seu interior podia espiar pelas frestas do muxarabi o que se passava nas ruas.

O muxarabi protegia a privacidade das mulheres da casa. Longe do olhar da rua, elas podiam vestir-se com simplicidade. Para suportar o calor, usavam um camisolão fresco e largo.

Os modos orientais estavam presentes também no mobiliário e nos gestos: em casa, as mulheres costumavam passar o dia sentadas em esteiras de palha, à maneira árabe, isto é, de pernas cruzadas no chão. Antes da chegada da Corte, as filhas e esposas dos senhores brancos, viviam a maior parte do tempo dentro de casa. Elas não tinham permissão de sair à rua sozinhas e, quando saíam, era quase sempre para ir a missa. Nessa ocasião, cobriam-se dos pés a cabeça com uma mantilha pesada e escura. Assim como os muxarabis nas casas, o uso dessa mantilha nas ruas protegia-as do olhar alheio e lhes permitia ver sem serem vistas. Como sombras silenciosas, elas cruzavam os espaços da cidade, onde, por toda parte, às escravas negras trabalhavam ao sol.

A presença do muxarabi e da mantilha era tão marcante na vida da colônia, que o criador do romance urbano, o escritor Joaquim Manoel de Macedo, consegue fixar os costumes da sociedade carioca de sua época, em seu romance urbano *Memórias da Rua do Ouvidor*, e o escritor Joaquim Manuel de Macedo transmite em frases o quadro que se tornou símbolo da cidade.

As rótulas e gelosias não eram cadeias confessas, positivas; mas eram pelo aspecto e pelo seu destino grandes gaiolas onde os pais e maridos zelavam sonegadas à sociedade as filhas e as esposas.” (Silva, 2008) (**Figura 2**)

Vale lembrar que as únicas mulheres vistas do lado de fora eram as escravas. Os diferentes trabalhos que realizavam refletiam-se no seu modo de vestir, pois suas atividades como lavadeiras e vendedoras as distinguiam pelos trajés. Rugendas ilustrou bem este aspecto. (**Figura 3**)

A transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, apesar dos transtornos causados à população, para alojar com algum conforto e alimentar bem a família real e a enorme comitiva formada por milhares de governantes, cortesãos e serviçais, não agradou aos nativos. Os ‘interessados/interesseiros’ devotaram-se inteiramente a d. João.

O intendente de polícia Paulo Viana, em abril de 1808, decreta uma proibição para conter o quadro insalubre em que a cidade vivia, como por exemplo: os responsáveis por lançar águas servidas ou lixo às vias públicas seriam obrigados ao pagamento de multa ou a cumprir alguns dias de prisão. A determinação também incluía a inspeção das casas, particularmente as da região do Centro do Rio. D. João proíbe por decreto o uso de muxarabis, cria a lei que obrigava a substituir o gradeado de madeira por janelas de vidro, o que trouxe claridade à escuridão dos

lares. “A cidade viveu, então, o que o sociólogo Gilberto Freyre chamou de desassombramento: tudo que estava na sombra deveria vir à luz” (Freyre, 2008, p. 17).

No Almanaque da Exposição ‘Mulheres Reais, Modas e Modos no Rio de Janeiro de d. João VI’, é possível verificar que: “O príncipe regente (...) mandou logo nos primeiros meses de residência no Rio de Janeiro substituir por janelas de vidraças essa última recordação dos muxarabis árabes”. “A ordem era singelíssima (...), mas pode-se dizer que por meio dela completou d. João uma revolução nos costumes nacionais (Lima, 1998)

A chegada da Corte introduziu novos ares na rotina dos habitantes. As mulheres que antes raramente saíam, começaram a ter vida social e passaram a frequentar a rua e as festas. A influência da moda trazida pelas damas da nobreza logo fez com que a mantilha deixasse de ser usada.

“A presença dos fidalgos e negociantes europeus despertou o gosto pela elegância e trouxe hábitos novos, com usar talheres e sentar-se à mesa para as refeições. As exigências do luxo e das boas maneiras eram satisfeitas pelos produtos importados da Inglaterra e da França, vendidos na antiga rua Direita (hoje Primeiro de Março), de onde saíram as modas e modos que transformaram o Rio em uma cidade de estilo europeu.” (Freyre, 2008, p. 17).

## 2.2. O quadro urbano do Rio de Janeiro sob o olhar de Rugendas

Para compreender o desenvolvimento arquitetônico ocorrido na Quinta da Boa Vista, tomamos o quadro urbano do Rio de Janeiro descrito no primeiro reinado por Rugendas em sua obra *Viagem pitoresca através do Brasil* (1940), um dos mais interessantes documentos acerca deste período de nossa história.

“A cidade do Rio de Janeiro está situada na costa ocidental, precisamente no ângulo que, desse lado, fecha a garganta da baía para o interior. A parte mais antiga da cidade, e também a maior, está construída sobre uma pequena planície irregular, encaixada entre duas filas de colinas rochosas e sem ligação entre si. A fila meridional atinge a ponta do Calabouço e comporta a Fortaleza de São Sebastião; a fila setentrional termina no morro de São Bento. É entre esses dois pontos que atracam comumente; aí se acha os cais, o paço do palácio Imperial e, defronte do morro de São Bento, a pequena distância, a ilha das Cobras. A oeste, essa parte da cidade é separada por uma grande praça, Campo de Santana, do bairro mais moderno de igual nome. A oeste desse arrabalde alguns riachos, juntamente com um braço de mar ou baixio, formam uma espécie de pântano, saco do Alferes, o qual separa parte da cidade dos bairros mais afastados de Mata-Porcos e Catumbi. Atravessa-se Mata-Porcos numa estrada em forma de dique e passa-se a Ponta de São Diogo para chegar ao Castelo Imperial de São Cristóvão, meia milha adiante.

As casas da cidade velha alinham-se pelas praias, na medida em que as colinas rochosas o permitem. Estendem-se, para o sul, até a Capela de Nossa Senhora da Glória, passando por detrás do montículo em cuja ponta mais avançada se encontra o convento, e

voltando à enseada do Catete, que não apresenta elevações, e, mais adiante ao sul, alcançando a praia do Flamengo até a baía de Botafogo. Seria, entretanto ousado afirmar que o Catete e Botafogo pertencem à cidade, pois as ruas são aí interrompidas constantemente por jardins e até por plantações. Os vales descem em direção à costa também se ligam à cidade através de inúmeras chácaras e jardins. A mais agradável delas é a que chamam de Laranjeiras, nas proximidades do Catete.

O Rio de Janeiro é inteiramente desprovido de edifícios realmente belos. Entretanto alguns há que impressionam pelo tamanho e pela posição. Assim por exemplo a Catedral da Candelária, a igreja de São Francisco, e inúmeros conventos construídos em sua maioria nas colinas que se erguem dentro da própria cidade. Citaremos São Bento, Santo Antônio, Santa Tereza, e o Castelo de São Sebastião, além de outros edifícios públicos, como por exemplo, os da Academia e do Museu, o da Prefeitura da Praça Santana. O Palácio Imperial é um edifício vasto e irregular da pior arquitetura; o do Arcebispo é de melhor gosto. Na parte antiga da cidade as ruas são estreitas, mas regulares: cortam-se em ângulos retos e quase todas são calçadas e providas de passeios. As casas desse bairro são em geral altas e estreitas. O telhado é pontudo e nada na sua construção lembra o clima dos trópicos. Têm quase sempre três ou quatro andares e somente três janelas nas fachadas. Como as janelas são muito compridas, a desproporção existente entre a altura e a largura das casas torna-se mais chocante. A arquitetura é muito melhor nas partes modernas da cidade e principalmente no bairro de Santana; as casas aí são mais baixas, com telhados menos pontudos, e estão-se construindo agora edifício de muito bom gosto. Nos bairros mais feios, na costa setentrional, na vizinhança do saco do Alferes, e finalmente nos arrabaldes de Mata-porcos e Catumbi, as ruas são bastantes irregulares e sujas. As residências não passam em geral de miseráveis choupanas, esparsas ao acaso ou empilhadas umas contra as outras, entre as colinas e o mar...

...Talvez não exista no mundo região como a do Rio de Janeiro, com paisagens tão variadas, tanto do ponto de vista da forma grandiosa das montanhas como dos contornos das praias. Em virtude da multidão de enseadas e promontórios, há uma variedade infinita de panoramas, tanto para o lado da cidade como para as montanhas, tanto para o lado da baía e suas ilhas como para o mar alto. Não são menores a riqueza e a variedade da vegetação. Alguns grupos de árvores dessas florestas, primitivas, que cobriam outrora as colinas e as encostas das montanhas, permaneceram na vizinhança imediata da cidade. Nos vales mais longínquos e nos flancos menos abruptos dos montes, esses grupos transformam-se em bosques extensos encimados por rochas nuas. Mais perto da praia, as colinas e os vales enchem-se de plantações de café e chácaras esparsas, cercadas de bosques deliciosos e floridos, com árvores e arbustos dos trópicos. Enfim, esboçando melhor o panorama da vegetação desse país, observam-se, cá e lá, alguns grupos de palmeiras esguias e de fetos. Os baixios a oeste da cidade, do lado do saco do Alferes, inundam-se no momento da maré e na estação das chuvas, e o mangue os invade assim como invade o recôncavo da baía e a embocadura dos rios. Aliás, os terrenos ribeirinhos do Rio de Janeiro são mais ou menos incultos; apenas se encontram algumas plantações esparsas em frente da cidade, entre a ponta da Gravata e o Armazém. Aí se situam as aldeias de Praia Grande, São Domingos e mais adiante, a vila de São Lourenço, habitadas pelos descendentes da população primitiva do país"... (Rugendas, 1940, p.130)

Depois desse passeio topográfico pela ótica de Rugendas, que não economizou elogios ao descrever a exuberância do Rio de Janeiro, "talvez não exista no mundo uma região com paisagens e belezas tão variadas..." Mas, apesar de elogiar a beleza natural da cidade, o artista fez questão de ressaltar o desprovido de edifícios belos. Considerou alguns impressionantes apenas pelo tamanho e posição e o Palácio Imperial: "um edifício vasto e irregular, da pior arquitetura".

Por meio dessas descrições paisagísticas e arquitetônicas, começamos a entender o propósito de d. Pedro II em optar pela expansão do Palácio de São

Cristóvão no estilo neoclássico e em contratar o arquiteto paisagista Glaziou para organização do jardim pomar da Imperial Quinta da Boa Vista, semelhante ao grandioso palácio de Versalhes da França.

### **Capítulo 3- A Quinta da Boa Vista antes de Glaziou**

Quando a Quinta da Boa Vista foi destinada ao príncipe regente, São Cristóvão era uma pequena aldeia a três quartos de léguas da cidade, cuja vitalidade dependia em grande parte do tráfego, uma estrada que ligava o Rio de Janeiro ao interior. Só depois de 1808, São Cristóvão começa a se individualizar com bairro. Inicia-se o aterro dos pântanos, abrem-se novas ruas por onde circulavam os coches e as montarias dos novos moradores sazonais ou permanentes (Klinger, 1991).

Por volta de 1808, o acesso por terra à região fazia-se pelas estradas de Mata-cavalo e Mata-porcos, onde o caminho se bifurcava: para um lado, a estrada do Engenho Velho seguia para o Rio Comprido, Andaraí Pequeno, Andaraí Grande e serra da Tijuca; para a direita, infletia a estrada de São Cristóvão – estrada geral que atravessava em direção ao campo de São Cristóvão.( **Figura 4** )

Depois da ocupação da Quinta da Boa Vista, o trajeto por terra para São Cristóvão começou a se fazer, prioritariamente, por um caminho mais curto, que d. João mandou abrir através do mangue de São Diogo. O caminho do aterro ou das lanternas não passava de uma estreita faixa de terra consolidada no pântano, que prolongava a rua de São Pedro da Cidade Nova, desde o Campo de Santana até a chamada Ponte dos Marinheiros.

Por esta estrada sobre o mangue – que está bem sólida e é aprazível – se levantam de cem em cem metros umas colunas de pedra de cal, das quais se suspendem grandes lampiões por varas de ferro, que estão fixos nelas; além disso, tem por outro lado, em toda sua extensão, guardas de madeira pintadas de vermelho, para resguardar os coches de caírem no mangue por algum incidente não previsto (Santos, apud Klinger, 1991).



Outro depoimento interessante é o de Thomas Ewbank, que registrou em seu diário as impressões de uma visita ao palácio de São Cristóvão, numa ensolarada manhã de março de 1876. Ele e um amigo partem do que chamamos hoje de bairro do Catete e seguem pelo antigo caminho de Mata-porcos, alcançando a rua de São Cristóvão:

(...) Seguiam agora ao trote por uma estrada de espinhosas cercas vivas, pavimentadas com postes de iluminação, tão exatamente igual às ruas suburbanas por onde havíamos vindo que não me dei conta de que nos encontrávamos em terrenos de propriedade do Imperador, até que o próprio palácio surgiu à nossa vista. Uma viagem de uma hora nos levou até ele.” (Ewbak, 1973)

O pintor Debret também faz menção a numerosas obras de calçamento de ruas e praças da Cidade Velha e da Cidade Nova entre 1816 e 1818, visando preparar o Rio para a coroação de D. João VI:

“(...) Mas o governo imperial, apreciando com razão a superioridade dos conhecimentos europeus, confiou a alguns estrangeiros a reforma do calçamento. Viu-se então surgirem os leitos calçadas da rua São Joaquim, até o caminho Novo de São Cristóvão, e da rua que liga a ponte de madeira do menos caminho a Mata-porcos.

Apesar desses melhoramentos as condições de acessibilidade a São Cristóvão eram, por volta de 1850, ainda extremamente precárias, em consequência dos pântanos. Em junho de 1849, por exemplo, o chefe de polícia da Corte, Antonio Simões da Silva, Pedia à Câmara providências para essa problemática:

(...) melhorar o intransitável estado em que se acham alguns lugares dos subúrbios desta cidade como seja parte da estrada de São Cristóvão que conduz à ponte do Caju e por onde passam os ônibus, porque está ela tão deteriorada, que oferece precipício a todos que transitam em qualquer veículo de condução, sendo que até sua majestade o imperador e sua augusta família participam destes incômodos (...).” (Klinger, 1991)

As descrições de Klinger imprimiram com clareza o panorama de deterioração urbana em que estava inserida a população de São Cristóvão, inclusive os mais ilustres moradores do vilarejo.

A partir desses dados, pode-se ter uma ideia de como era a área externa da Imperial Quinta da Boa Vista, ou seja, uma grande área *in natura* cercada por pântanos e mangues que dificultavam o acesso de seus *ilustres* moradores. Tem-se a proporção de tão grande desafio que o arquiteto Auguste François Marie Glaziou teria pela frente.

O museólogo João Carlos Ferreira, em artigo publicado na revista *Leituras Paisagísticas: Teoria e Práxis* relata o panorama da época:



“... O casarão que se tornaria o palácio de São Cristóvão era pequeno para abrigar a grande quantidade de pessoas da comitiva pessoal que acompanhava d. João VI. Além disso, naquela ocasião ainda não havia instalações adequadas para seu funcionamento com paço real, e tanto seu aspecto interno como externo, além de não apresentar aparência arquitetônica condizente para a ‘representação do teatro da realeza’.

Para sua adequação, d. João encomendou ao seu então proprietário Elias Antonio Lopez que fossem feitas algumas reformas pontuais no casarão, antes da mudança efetiva da família real para a Quinta da Boa Vista.

Com o objetivo de suprir esse *déficit arquitetônico*, foram planejadas algumas imediatas intervenções no prédio, no terreno, e nas áreas em torno, essa era a intenção de dotar tanto o prédio como a sua propriedade com o mínimo de atributos arquitetônico e paisagístico.

Uma das primeiras intervenções realizadas por d. João foi a construção do Portão da Coroa, delimitando a entrada principal da Quinta pelo lado leste, na área que fazia ligação desse trecho à rua São Cristóvão. Por volta de 1816 montou-se o ‘Pórtico de Northumberland’ presente do duque de Northumberland a d. João VI, mais tarde construído o caminho do Aterrado ou das Lanternas, lado de subida da atual av. Presidente Vargas.” (Ferreira, 2007, p.71)

E continua analisando a iconografia da Quinta, apontando que a vasta área que pertencia à família real continuava com ínfimas alterações referentes à situação ambiental e paisagística da Quinta da Boa Vista antes de Glaziou:

“Assim entre o Portão da Coroa e o Palácio, o caminho de acesso contornava a área que corresponde atualmente ao lago sul (lado em que se localiza a Ilha dos Amores).

Naquela época não havia divisão das águas por aquele lado, aquele espelho d’água era considerado um lago único. A iconografia do período demonstra que a área nada mais era que um baixio embrejado, exibindo um aspecto indicando que a área não havia sofrido nenhum tipo de intervenção, desde a ocupação inicial. Sobre essa topografia, foi instalado o Pórtico Northumberland, que era meramente decorativo por não poder ser utilizado como passagem, devido a seu posicionamento junto ao desnível significativo e bem acentuado do terreno, que futuramente seria aterrado e construído a Alameda das Sapucaias.

Durante o Primeiro Reinado a situação continuou inalterada em seu aspecto geral, modificado apenas pela introdução de elementos decorativos em pontos específicos, sem sofrer modificações importantes.

De igual maneira isso ocorreu até o final do período regencial, quando surge a figura de D. Pedro II e o convite a Glaziou para assumir e executar o plano para organização do jardim e pomar da imperial quinta da Boa Vista.” (Ferreira, 2007)

#### **Capítulo 4- Um paisagista a convite do imperador**

D. Pedro II (Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga) nasceu no Paço de São Cristóvão, em 2 de dezembro de 1825. Órfão de mãe antes de completar 1 ano de idade, em 7 de abril de 1831, assume o trono após a abdicação do pai D. Pedro I. Aos 5 anos é aclamado o segundo Imperador do Brasil, em 1834, tendo sido decretada pela Assembleia geral no Senado a sua maioridade aos 14 anos de idade. Assume o poder quase na metade do século XIX, que vai extinguir-se em 1889, com a Proclamação da República (cf. Carvalho, 2007, p. 9-10). Depois

de transcorrida a regência, considerada por Carvalho ( 2007, p. 32) como o período de confinamento, o imperador quis reproduzir algo semelhante com a imponência do castelo de Luís XIV, na Imperial Quinta da Boa Vista.

Uma das características do período do absolutista português era o fato de as vestimentas marcarem a distância que separava a Corte do restante da sociedade. As rendas, as sedas, os bordados e as joias eram símbolos de poder tão importantes quanto os palácios e os castelos. Era o teatro da realeza (Silva, 2008). De certa maneira, conforme Dantas (2007), “apesar de a historiografia registrar bem apenas a associação entre o palácio francês e Luís XIV, pretendemos fortalecer a ideia de que o palácio brasileiro representava o seu imperador D. Pedro II”.

A autora afirma, ainda, que: “a residência de um soberano deveria ter maior visibilidade com referência de espaço e poder em uma determinada sociedade. Essa constatação é identificada desde a época da Antiguidade; por isso, um palácio deveria representar o seu proprietário e ter a dimensão de sua personalidade” (Dantas, 2007).

Neste ponto, devemos lembrar que não é intuito dessa monografia discorrer sobre a arquitetura do palácio propriamente dito, mas destacar a Quinta de Glaziou e suas obras, fazer prospecção nas camadas de tinta sedimentadas pelo descaso e pelo tempo e com isso, fazer com que uma das mais belas e importantes obras científicas e artísticas do Brasil, assim como seu criador, sejam difundidos entre a comunidade leiga, e que esse sítio histórico-científico seja utilizado como espaço de debates e popularização da consciência ecológica.

“ Seja qual for o tema de um discurso e, portanto, em qualquer arte ou ramo da ciência, se o orador dominá-la, como à causa de seu cliente, falará sobre ele melhor e de maneira mais elegante do que o próprio criador/autor poderia fazê-lo.”

(Massararani e Turney & Moreira, 2005).

Terra (2000) afirma que Glaziou é, sem dúvida, um dos maiores paisagistas que o Brasil revelou de todos os tempos.

A exposição *Glaziou e os Jardins Sinuosos*, com curadoria de Anna Dantes e apresentada no Museu do Meio Ambiente/ JBRJ, entre 5 de novembro de 2009 e 10 de janeiro de 2010, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, veio corroborar em superlativo a afirmação acima. As projeções digitais realizadas em uma das salas foi algo de surpreendente: o visitante podia fazer um passeio virtual pela Quinta da Boa Vista, Campo de Sant'Ana e Passeio Público, por meio de filmagens projetadas em

180°, em dimensões naturais, que enfocaram detalhes expressivos da obra de Glaziou no Rio de Janeiro. Outra projeção, em 3D, mostrou a beleza do Passeio Público do início do século XX.

Os visitantes puderam ver, entre outras coisas, a planta baixa original do projeto de Glaziou para a Quinta da Boa Vista, uma maquete construída pelo artista Flávio Papi a partir do projeto do Jardim Imperial de Petrópolis, que não chegou a ser realizado, e fotos originais feitas por Marc Ferrez, Klumb, Insley Pacheco e outros fotógrafos de fins do século XIX, parte do acervo do Instituto Moreira Sales, no Rio de Janeiro.

Na exposição, ainda, ficaram expostos originais da correspondência entre Glaziou e o naturalista Von Martius (1794-1868), a lista original manuscrita das plantas que o francês catalogou no Brasil, exsicatas (registros de espécies vegetais) originais de herbários brasileiros e projeções digitais de exsicatas que estão no Herbário de Paris, além de livros raros do acervo do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, inclusive da Coleção Teresa Cristina, de botânica.

François Marie Glaziou nasceu em Lannion, na costa noroeste da Bretanha, em 30 de agosto de 1828, filho primogênito de Marie-Josèphe Grovalet e ao completar seus estudos e obter o título de engenheiro civil, fez o curso de botânica com o professor A. Brangniart no Museu de História de Paris.

A agricultura e a horticultura também foram por ele praticadas, percorrendo os arredores do Paris para complementar seus estudos. Sua educação na capital familiarizou-o com o trabalho de Jean-Charles-Adolphe Alphand, e com as transformações que sofria a cidade no século XIX, sobretudo, as reformas empreendidas pelo Barão Haussmann. É provável ter Glaziou colaborado com Alphand, nas obras executadas nos diversos jardins parisienses, entre eles o Bois de Boulogne e o Parc de Buttes-Chaumont.

O contato com o paisagismo desenvolvido na França, nesse período, fez com que Glaziou incorporasse o vocabulário formal francês ao trabalho que viria a desenvolver no Brasil.

Glaziou trabalhou também em Bordeaux, onde participou da reforma do Jardim Público daquela cidade. Criado em 1746 por uma decisão do Intendente Tourny, esse jardim se inseria na lógica dos novos embelezamentos urbanos característicos do século XVIII. Concebido por A. Gabriel, foi terminado em 1756,

abrangendo uma superfície de 12 hectares, e formado por um terraço com pórticos, complementados por *parterres de broderies*.

Em 1856, a municipalidade confiou a reconstrução do jardim ao paisagista-arquiteto L. B. Fisher (em colaboração com o diretor do Jardim Botânico, Durieu de Maisonneuve, e, ainda, com o arquiteto da cidade, Charles Burguet). Glaziou, sob supervisão de Maisonneuve, dirigiu a transferência do Jardim Botânico, fazendo as escolhas das plantas (Terra, 2007).

A convite de d. Pedro II, Glaziou transferiu-se para o Brasil em 1858, para ocupar o lugar de diretor geral de Matas e Jardins. Sua participação foi de grande importância para o desenvolvimento do paisagismo no nosso país. Além de cuidar dos jardins imperiais, impôs sua própria marca nos espaços nos quais interferiu, de maneira diferente dos padrões aqui usados. É com ele que o jardim europeu do século XIX, aquele denominado paisagístico, chegará até nós. Suas atividades incluíam os projetos de jardins e, ainda, os herbários que por sua interferência se multiplicaram (Cunha, 2007).

Aliado ao tratamento da natureza como obra de arte, também devemos a ele a descoberta de muitas espécies, sobre as quais publicou diversos trabalhos. Introduziu, ainda, plantas brasileiras em praças e ruas, destacando-se o oitizeiro, encontrado até hoje nas ruas do Rio de Janeiro.

Pelo decreto de 26 de janeiro de 1869 Glaziou foi nomeado diretor de Parques e Jardins da Casa Imperial, sendo, depois, condecorado pelo Imperador, com a Ordem da Rosa, pelos relevantes serviços prestados ao paisagismo nacional.

Permaneceu no Brasil até 1897, quando, pelo Decreto n. 402, de 7 de maio de 1897, foi aposentado do cargo que ocupava desde 1869. Retirou-se, então, para o seu país, onde morreu em 1906, aos 73 anos de idade, na cidade de Bordeaux. Segundo Terra (2000), Glaziou, além das grandes realizações no campo do paisagismo, também nos legou inestimável colaboração em áreas afins. Foi incansável coletor de plantas em nosso território, classificando-as conforme suas espécies. Algumas recebem o seu nome, com aquele dado a um gênero de bignoniáceas, *Glaziovia*, e também à maniçoba, *manihot Glaziovii*. Ativo trabalhador, sempre cuidou da coleta de novos exemplares botânicos.

Apesar de apenas entender de botânica e não ser um verdadeiro fitologista, nos legou uma *Notícia sobre aplicada e o resumo numérico das espécies de plantas*

*colhidas na comissão de exploração do Planalto Central de Goiás*. Publicou, ainda, em 1871, *Algas brasileiras dos arredores do Rio de Janeiro*; em 1869-1873, *Criptógamos vasculares do Brasil* e, em 1876, *Líquens brasileiros*.

Além disso, foi transferido para o Planalto Central, prestando valiosas informações por meio de correspondências com o astrônomo Luís Cruls sobre a região e o clima, e sobre o aproveitamento do local referente à análise da implantação da nova capital. O profissionalismo de Glaziou pode ser constatado pelas documentações do período de 1846 a 1889, pertencentes aos volumes n. 41 a 57 relativos à Mordomia da Casa Imperial, atualmente no acervo Museu Imperial de Petrópolis.

A importância de Glaziou para o Brasil foi ter introduzido entre nós uma reflexão original sobre o paisagismo urbano, no mesmo momento em que se criavam praças e jardins públicos. Devemos ao arquiteto a adoção de plantas brasileiras em praças e ruas, destacando-se o oitizeiro, como já mencionado, hoje elemento marcante nas ruas de várias cidades.

#### 4.1. Os Jardins Sinuosos de Glaziou

Segundo Terra (2000), “a propriedade que pertencia a Elias Antonio Lopes passou a denominar-se Quinta da Boa Vista no século XIX, e paisagem começou a ser organizada de maneira ordenada, a partir de 1874, pelo botânico Glaziou. Já em 1868, ele apresenta ao imperador, um projeto (...) onde todas as novas características estão presentes”.

Neste mesmo ano, Glaziou emitiu um *bosquejo* de preparação ao mordomo da casa Imperial, relativa ao aformoseamento e a conservação futura da Imperial Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, estipulando as condições para o bom andamento dos trabalhos.

“Para conservar convenientemente o parque e corresponder dignamente às ideias que tive a honra de expor à Sua Majestade o imperador, eis aqui qual seria pouco mais ou menos o pessoal necessário anualmente considerou:

- Um mestre jardineiro por 100\$000 rs. mensais e residência;
- Um jardineiro adjunto por 80\$000 rs. mensais e residência;
- Dois feitores cada um 60\$000 rs. mensais e residência;
- Sessenta negros da Casa Imperial, sendo pelo menos 20
- Homens e 40 mulheres, a cada um termo médio, uma pequena
- Gratificação de 4\$000 rs. mensais;
- Um escrivão que ensine os pretos a ler, escrever e contar por 80\$00 rs. mensais;

- Para a compra de sementes, vasos de flores, utensílios e transportes de vegetais exóticos, 50\$000 rs. mensais;

Se a este número de negros Vossa Excelência pudesse juntar uma certa porção de moleques de idade de 8 a 12 anos, nós criaríamos por meio deles um viveiro de jovens cultivadores inteligentes, suscetíveis de prestar um dia bons serviços à sociedade. Se, depois de ter refletido nestas coisas, suscetíveis de se prestar às exigências dos casos, Vossa Excelência julgasse conveniente dar andamento a estes projetos e julgando-me capaz de conduzi-los a bom fim, eis-me aqui com quais condições e aceitaria o cargo:

1º) sob título de oficial de diretor ou de intendente dos parques e jardins particulares de Sua Majestade o Imperador, eu seja chefe exclusivo do movimento pessoal que compuser minha administração;

2º) independência completa para todas as operações de horticultura que eu julgasse a propósito aplicar ao parque, à horta e ao pomar, sem por isto sair dos limites do orçamento;

3,º) liberdade plena e inteira de trocar plantas com os estabelecimentos públicos e particulares que as tivessem preciosas ou interessantes para oferecer-vos, por esta via e com poucos gastos, porém com muita perseverança, veríamos em poucos anos as coleções da imperial Quinta Da Boa Vista elevar-se à altura das mais completas, visto que nenhum país do mundo é mais dotado de tesouros vegetais que o Brasil: todos os botânicos o sabem, e é por isso que eles se apressam a entrar em relação com ele;

4º) a Vossa excelência diretamente será prestado trimensalmente a conta moral desta repartição, assinada por seu chefe que será o único responsável por ela.

Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1868 – A.F.M. Glaziou (apud Casadei, 1985)

Este documento, enviado ao mordomo, explica de forma clara as condições do seu trabalho. Condições estas aceitas e, em seguida, sua indicação para o cargo de diretor de Parques e Jardins da Casa Imperial.

Analisando a iconografia do período imediatamente anterior à reforma de Glaziou, nota-se que apesar das diversas intervenções pontuais praticadas até então no parque, sob muitos aspectos, a área carecia de um plano geral de ocupação, porque na verdade, ele apresentava, em alguns pontos, característica que não representava o ideal de modernidade europeia, sonhada e desejada pelo Imperador, conforme indicação de Gastão (2007). Assim, Glaziou planejou e executou diversas intervenções na área externa do palácio, visando tanto ordenar o aspecto geral da parte pública do parque, como dignificar o entorno imediato do prédio. Sua principal influência no paisagismo romântico orientou toda a concepção paisagística em seu projeto para a Quinta da Boa Vista.

Entretanto, o primeiro projeto criado por Glaziou não foi o utilizado para a efetiva reforma do jardim e pomar da imperial Quinta Boa Vista, provavelmente, devido tanto a eventuais restrições orçamentárias como pelas condições encontradas no terreno, e que podem não ter favorecido sua execução.

O plano original que Glaziou pretendia executar foi em grande parte modificado e adaptado, mantendo-se sua orientação geral. Foram mantidos os principais elementos decorativos e paisagísticos da primeira fase do projeto. Pode-

se afirmar tal coisa observando-se as iconografias apresentadas na exposição *Os Jardins Sinuosos de Glaziou*. ( **Figura 5** )

Dentre as principais intervenções executadas por Glaziou, e que modificaram de forma significativa a área da Quinta, destaca-se a abertura da Alameda das Sapucaias. Trata-se uma grande avenida de forma retilínea, curiosamente fugindo, portanto, ao padrão de caminhos sinuosos que se estendem pelo resto do parque. Executado sobre um extenso terreno, com seu eixo colocado diretamente em frente ao palácio, Glaziou criou assim uma avenida monumental que dividiu o grande lago em duas partes distintas conhecidas como lago norte e lago sul (ver ilustração). Originalmente, esta alameda ligava o portão da Coroa diretamente ao Pórtico de Northumberland, situado à frente do Palácio, ao menos até as primeiras décadas do século XX, quando este portão foi removido daquele local, tendo sido mais tarde remontado, no mesmo local onde se localiza atualmente o pórtico principal de entrada da Fundação Rio Zoo.

A grande reforma de Glaziou conferiu ao parque algumas das principais características que ainda hoje tornaram seu paisagismo bastante peculiar. Atualmente, a área do parque ainda apresenta uma topografia caracterizada pela presença de pequenas elevações, separadas entre si por depressões de terreno, por onde correm os principais lagos e canais do parque em curso por ele retificados.

A área verde ainda está sistematicamente dividida em vastas quadras ajardinadas e arborizadas, entrecortadas e delimitadas por caminhos sinuosos, que se adaptam aos diferentes níveis dos terrenos e aos acidentes naturais da paisagem; entretanto, novos caminhos foram abertos em intervenções posteriores, seguindo, porém, o mesmo padrão por ele estabelecido.

A principal exceção, neste caso, continua sendo a Alameda das Sapucaias, ligando de forma retilínea a área situada junto à fachada principal do antigo palácio, ao portão principal do parque.

Com o fim da monarquia e com a implementação da República, a Quinta passou por uma grande alteração em seu aspecto paisagístico. O presidente Nilo Procópio Peçanha, o quinto da chamada “política do café com leite” ou República Velha, empreendeu uma grande reforma no parque em 1910. Essas intervenções se mantêm até os dias de hoje, como por exemplo, a substituição do antigo Portão da Coroa, por outro projetado pelo Sr. Luiz Rey, arquiteto e paisagista da Inspetoria de



Matta e Jardins, o mesmo profissional que projetou a reforma de 1908-1910 da Quinta da Boa Vista. O arquiteto refere-se ao Portão da rótula de entrada do parque localizado na av. Pedro II, outras mudanças, o deslocamento do pórtico doado a d. João, que ficava nas Alamedas das Sapucaias para frente do Jardim Zoológico, e a execução do Jardim Terraço que fica situado em frente ao edifício Museu Nacional (Gomes & Mota, 2007).

#### 4.2. Outros elementos para refletir sobre a obra de Glaziou

A botânica e responsável pelo herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro Rafaela Campostrini Forzza, em texto para o catálogo da referida exposição sobre os jardins de Glaziou, assinala:

“além de ser (Glaziou) ainda um dos maiores coletores de amostras botânicas que o Brasil já teve, ele também descreveu muitas novas espécies para a ciência; a importância de Glaziou para a catalogação da diversidade da flora brasileira pode ser medida pelo número de espécies descritas por ele, cerca de mil táxons, e pelo número de espécies que foram nomeadas em sua homenagem, cerca de 600 táxons; planta recolhe e herboriza, generosamente distribui exsicatas por jardins botânicos do mundo inteiro, doa o Muséum national d' Histoire Naturelle de Paris de ¼ das plantas que constitui em a coleção da flora brasileira. Muitas integram a coleção do Museu nacional e cerca de mil exsicatas estão no herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.”

De acordo com que nos indica Terra (1993), a obra de Glaziou pode ser dividida em três grupos, conforme documentação sobre seu trabalho.

“O primeiro grupo foi definido a partir da opinião, não documentada, de alguns historiadores e da imprensa, que podemos elencar: Praça Tiradentes, Largo de São Francisco, Jardins do Palácio do Catete, Jardim da Casa da Marquesa de Santos – no Rio de Janeiro, e o Jardim da Aclimação em São Paulo e o Parque do Museu Mariano Procópio em Juiz de Fora.

O segundo grupo, constituído a partir de projetos por ele assinados ou documentos que mencionam a sua autoria, inclui: o jardim do Palácio Imperial de Petrópolis, o Parque São Clemente em Nova Friburgo, a Praça D. Pedro II (atual Praça XV de Novembro) no Rio de Janeiro.

O terceiro e último grupo, mais significativo, são comprovadamente obras de Glaziou, com farta documentação e projetos de execução desses.

No Rio de Janeiro, podemos destacar mantidas ainda as características originais com transcurso do tempo, as seguintes obras existentes: a reforma do Passeio Público, do Campo de Santana e Quinta da Boa Vista.”

Encarregado por d. Pedro II de realizar reforma do Imperial jardim da Quinta da Boa Vista, Glaziou projetou um grande parque, ornado com alamedas, lagos,



pedras e grutas artificiais. Enfim, suas obras abrangem enorme lista e complexidade, e vamos mencionar alguns trabalhos no Brasil e no exterior. E para se fazer uma ideia mais precisa desse personagem que usou e abusou do recurso científico conjugado com a arte, Heizer (2009) afirma:

“É impossível fazer qualquer referência aos projetos de ordenação da cidade do Rio de Janeiro sem mencionar o francês Auguste Glaziou. (...) Um dos aspectos importantes de sua obra é a concretização do diálogo entre saberes como História Natural, engenharia e arte.

Sua obra integra o projeto de tornar o império do Brasil uma flor exótica nos trópicos.

Além disso, Glaziou deve ser visto como um observador atento da cidade. Ao privilegiar a introdução de ‘plantas brasileiras’, Glaziou imprime em sua obra uma preocupação pedagógica com o espaço público, sem deixar de lado os traços de sua formação de origem.

Olhar com atenção, através dos projetos de Glaziou, as mudanças da cidade do Rio de Janeiro – capital da Corte ou do governo republicano – permite que não deixemos de lado questões que se atualizam: a ideia de civilização, de ordem e de definição do lugar de cada um nos espaços de sociabilidade.”

#### 4.3. A Quinta de Glaziou

Os jardins sinuosos de Glaziou foram projetados alguns anos após a segunda metade do século XIX. Faraco e Moura (1996) fizeram uma reflexão sobre esse período, examinando os principais fatores que ocorreram na Europa e no Brasil, o que resultou na urbanização da Quinta da Boa Vista.

“(…) O século XIX, principalmente a segunda metade, é um período não fácil de ser caracterizado, pela variedade de fatores que intervêm na configuração da época. Para compreendê-lo, é necessário examinar as transformações sociais e científicas ocorrido na Europa naquele momento. A aristocracia feudal e a igreja deixam de desempenhar um papel orientador na vida política. A classe média, cuja maneira de viver nada tem em comum com a aristocracia tradicional, passa a ocupar o primeiro plano no cenário histórico. O enorme progresso científico da época gerou a teoria de que todos os fenômenos aparentemente isolados, na verdade, pertenciam a uma única realidade material. É notável o desenvolvimento das ciências biológicas, como por exemplo, a utilização do éter na anestesia, a assepsia, a teoria microbiana das doenças, a descoberta dos microrganismos responsáveis pela sífilis, malária e tuberculose, descrição dos hormônios e vitaminas.

Todo esse desenvolvimento científico vai representar a derrota do idealismo e do tradicionalismo e a vitória do ponto de vista científico na compreensão e na análise da realidade.

Esse período foi marcado pela crença no progresso da civilização industrial e mecânica. Segundo o escritor francês Flaubert, “depois da falência de todos os ideais, de todas as utopias, a tendência agora é manter-se dentro do campo dos fatos e de nada mais do que dos fatos.” (Faraco e Moura, 1996)

Além disso, Cunha (2000) aborda a influência da Europa e, principalmente da França, na configuração urbana do Brasil imperial:

“A tendência europeia no sentido de modernizar suas capitais sendo dotadas de avenidas intercaladas com parques públicos para recreação foi sendo motivo de admiração e interesse da administração brasileira. Paralelamente, o desenvolvimento da ciência e das técnicas veio permitir um planejamento urbano em maior escala. A evolução das ideias na França acarretou a queda dos Orleans e o advento da Terceira República. Todavia, Luiz Napoleão Bonaparte altera o regime e torna-se imperador dos franceses em 1850. E daí parte para um programa de grandes reformas urbanas capitaneadas pelo prefeito Haussmann.

O exemplo de Paris sob Napoleão III, cujo desenho foi totalmente alterado por Haussmann através da introdução de largas avenidas axiais e quatro parques públicos, marcou definitivamente o pensamento mundial sobre a vida urbana moderna. O Brasil Imperial sonhava ter uma capital alinhada com as modernidades europeias dos anos cinquenta.” (p.92)

## **Capítulo 5- Aula-passeio, um recurso didático**

A metodologia da aula-passeio se estrutura segundo a proposta pedagógica de Célestin Freinet, pedagogo francês que, na década de 1930, propôs a estratégia de motivação a este tipo de didática, por acreditar que o interesse da criança não estava na escola e sim fora dela. Freinet idealizou esta atividade com o objetivo de trazer *motivação, ação e vida* para a escola.

O emprego da metodologia de Freinet somada às experiências de campo realizadas por mim ao longo do ano de 2009, através do projeto cultural e científico *Por dentro da Quinta*, me motivaram a ingressar no curso de especialização e creio me possibilitam fazer algumas reflexões. O projeto contém as investigações catalogadas e documentados pela Guarda Municipal do Rio de Janeiro – a criadora e responsável pelo projeto: 1.500 pessoas já realizaram a aula-passeio.

Mas quem foi Freinet? Célestin Freinet nasceu em 1896 em Gars, povoado na região da Provença, sul da França. Foi pastor de rebanhos antes de começar a cursar o magistério. Lutou na Primeira Guerra Mundial em 1914, quando os gases tóxicos do campo de batalha afetaram seus pulmões para o resto da vida. Em 1920, começou a lecionar na aldeia de Bar-sur-Loup, onde pôs em prática alguns de seus principais experimentos, como a aula-passeio e o livro da vida.

Em 1925, filiou-se ao Partido Comunista Francês. Dois anos depois, fundou a Cooperativa do Ensino Leigo, para desenvolvimento e intercâmbio de novos instrumentos pedagógicos. Em 1928, já casado com Célestin Freinet (que se tornaria sua parceira e divulgadora), mudou-se para Saint-Paul de Vence, iniciando intensa atividade.

Cinco anos depois, foi exonerado do cargo de professor. Em 1935, o casal Freinet construiu uma escola própria em Vence. Durante a Segunda Guerra, o educador foi preso e adoeceu num campo de concentração alemão. Libertado depois de um ano, aderiu à resistência francesa ao nazismo. Recobrada a paz, Freinet reorganizou a escola e a cooperativa em Vence. Em 1956, liderou a vitoriosa campanha '25 Alunos por Classe'. Criou uma pedagogia do trabalho: para ele, a atividade é o que norteia a prática escolar e o objetivo final da educação é formar cidadãos para o trabalho livre e criativo, capaz de dominar e transformar o meio e emancipar quem o exerce. Um dos deveres do professor, segundo Freinet, é criar uma atmosfera laboriosa na escola, de modo a estimular as crianças a fazer experiências, buscar respostas para suas necessidades e indagações, e buscar no professor apenas a imagem do mediador do trabalho.<sup>1</sup>

Segundo Freinet, outra função primordial do professor é colaborar ao máximo para o êxito de todos os alunos. Ele acreditava que o fracasso desequilibra e desmotiva o aluno, por isso o mestre deve ajudá-lo a superar o erro. "Freinet descobriu que a forma mais profunda de aprendizado é o envolvimento afetivo", diz Rosa Maria Whitaker Sampaio, coordenadora do pólo São Paulo da Federação Nacional dos Movimentos da Escola Moderna. Esse aspecto muito particular que atribui ao aprendizado de cada criança é a razão de Freinet não ter criado um método pedagógico rígido. Mesmo assim, seu entendimento sobre os mecanismos do aprendizado mereceu elogios do biólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), cuja teoria do conhecimento se baseou em minuciosa observação científica.

Freinet dedicou a vida a elaborar técnicas de ensino que funcionam como canais da livre expressão e da atividade cooperativa, com o objetivo de criar uma nova educação. Lançou-se a essa tarefa por considerar a escola de seu tempo uma instituição alienada da vida e da família, feita de dogmas e de acumulação estéril de informação – e, além disso, em geral a serviço apenas das elites. "Freinet colocou professor e alunos no mesmo nível de igualdade e camaradagem", diz Rosa Sampaio (2009).

---

<sup>1</sup> Fonte: Associação Brasileira para Divulgação, Estudos e Pesquisas de Pedagogia Freinet/ABDEPPF <http://www.abdeppfreinet.com.br>. Acesso em janeiro 2010.

### 5.1. A aula-passeio como estratégia de divulgação científica

A aula-passeio pode estar na própria essência pedagógica da metodologia de Freinet. Quando se propõe este tipo de instrumento didático na Quinta como estratégia de motivação, acredita-se que o local, com 400.000 m<sup>2</sup>, com seus atrativos culturais, científicos, turístico e de lazer, pode vir a tornar-se um local em potencial para o desenvolvimento educacional não formal, ou seja, fora da escola. Dialogando com essa afirmação em relação à educação não formal, Cazelli & Coimbra (2009) dizem a respeito:

“A educação formal é aquela que ocorre de maneira espontânea ou semiestruturada, em diversos espaços como museus, centros culturais, teatros, cinemas ou mesmo dentro de casa. Considerando tal abrangência faz pouco sentido falar em medir aprendizagem de conteúdo como se faz na educação formal. De fato há um consenso na literatura que trata da interação do público com as diferentes narrativas sustentadas pelos objetos e exposições museais, de que a experiência do visitante é importante, não exatamente pelo conteúdo assimilado ou aprendido, mas sim pelas consequências que a visita acarreta.”

De certa forma, a presente pesquisa tem o objetivo de divulgar e popularizar a ciência desenvolvida por Glaziou na Quinta da Boa Vista, por meio de aulas-passeio, orientadas por Guias capacitados em Divulgação Científica.

Cazelli e Coimbra (2009) afirmam ainda que:

“A educação não formal por ter uma organização espaço-temporal flexível, tem um importante papel como facilitador do trabalho educativo formal. E diante dos desafios que a educação enfrenta hoje é fundamental uma cooperação entre diferentes instituições educativas. As instâncias da educação não formal, museus, centros culturais, bem como os espaços para a utilização de recursos multimídia devem atuar em parceria com as escolas, as instituições sociais com maior capacidade de sistematizar trabalho educativo da aprendizagem de conteúdo, e que são avaliadas, em última análise, pelo aprendizado apresentado por seus alunos.”

### 5.2. A aula-passeio num museu ao ar livre

De algum tempo para cá, surgiu uma verdadeira escola de museólogos, que acha – aliás, com muita razão – que o estudo da história natural deve ser feito no seio da própria natureza. Vários museólogos têm se distinguido no desenvolvimento do ensino ao “ar livre”, entre eles o professor Hermon C. Bumpus, o dr. Frank Lutz, do Museu Americano de História Natural, e, mais recentemente, uma plêiade jovem (Miranda, Santos, Estevão e Fonseca, 2008).

Hoje, existem numerosos museus e jardins botânicos e trilhas que utilizam os caminhos naturais, método muito eficaz e lúdico de ensinar a história natural .  
( Figuras – 6 e 7)

### 5.3. O Bluetooth da Ciência e a aulas-passeio na Quinta da Boa Vista

*Realizando uma retrospectiva do surgimento do roteiro das aulas-passeio no interior da Quinta da Boa Vista, é preciso registrar que tanto o roteiro quanto o projeto, propriamente dito, nasceram do imperativo da profissão de um guarda municipal executar o patrulhamento naquele local.*

Costumo dizer que num desses patrulhamentos o *slot* receptor de meu cérebro, foi atingido pelo Bluetooth da Ciência, frequência de radio aberta a faixa *ISM (Industrial, Scientific, Medical)*, que opera à frequência de 2,45 GHz transmitida pelos slots da grande Casa da Ciência (Museu Nacional). A recepção contínua desses dados transformou-se em um pacote de dados e em seguida percebi que esse arquivo de informações era muito útil para ficar arquivado apenas no campo da memória. Daí surgiu a idéia de transferência desses conhecimentos adquiridos ao longo de um ano e seis meses de pesquisa, na aplicação da transferência desses arquivos de informação por meio de *aula-passeio* para os alunos que visitam o museu ao ar livre.

### 5.4. O desenvolvimento do projeto aula-passeio

Ao chegar à Quinta da Boa Vista, em julho de 2006, indignei-me com o descaso em que era tratado o local que foi o berço da história do Brasil. Percebi que a Quinta da Boa Vista, juntamente com o antigo Paço Imperial, hoje Museu Nacional, se tratava do mais importante sítio histórico-científico do Brasil. A partir daí comecei a indagar-me sobre sua importância e iniciei o processo de a criação do projeto denominado “*Conhecendo os Corredores do PAN*”, que pela falta de apoio institucional, não foi possível desenvolvê-lo. Depois de várias tentativas em vão, tive a oportunidade de conhecer na Quinta da Boa Vista acompanhada de uma comitiva de repórteres do Rio Grande do Sul, a diretora de Marketing da Riotur Gloria Pereira, que ficou encantada com o projeto.

Como os Jogos Pan-americanos de 2007 estavam na iminência de começar, fui aconselhado pela diretora a mudar o título do projeto para “*Conhecendo os*

*Corredores da Quinta da Boa Vista*”, depois de conseguir firmar parcerias com a Riotur, Museu Nacional, Fundação Riozoo, Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Secretaria Municipal de Turismo, a Guarda Municipal, através da Inspeção regional Tatiana Mendes, veio formalizar o apoio que seria firmado pelas instituições envolvidas. A partir desse instante o nome projeto foi definitivamente modificado para *“Por Dentro da Quinta”*.

Hoje, depois de realizado o curso de Especialização em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde na Fundação Oswaldo Cruz, tenho a plena consciência de que o projeto nasceu com o objetivo de trazer motivação e vida no processo de divulgação e popularização da ciência, de forma prazerosa e flexível nas curvas sinuantes desenhadas por Glaziou.

#### 5.5. A realização do projeto

A atividade é realizada na Quinta da Boa Vista, de terça a sábado em duas sessões de aulas-passeio, nos horários de 09h00min às 10h30min e 14h00min às 15h30min

As aulas-passeio são agendadas via telefone ou fax na Guarda municipal cujo número de telefone é (21)3295-5745. Os grupos podem abrigar de 10 a 25 pessoas. No dia da aula-passeio, o interessado preenche uma ficha de solicitação de aula-passeio no CAV (Centro de Atendimento ao Visitante), informando o nome da instituição, a quantidade de alunos e assinatura do responsável. Ao preencher o documento indicado, o grupo é recebido por um guarda-guia (guarda municipal capacitado) que recepcionará o grupo com o *“Quebra Gelo”* e fará a contextualização do roteiro e da aula-passeio e, conseqüentemente, realizará a aula-passeio propriamente dita. Após a aula-passeio, o responsável pelo grupo preenche uma ficha de avaliação da atividade.

Atualmente, o projeto possui três dos vinte guardas municipais que foram preparados durante três meses pelos instrutores da Academia da Guarda Municipal, com o apoio do Museu Nacional.

O curso teórico teve a duração de sete dias, com aulas realizadas no Museu Nacional.

O programa de aula, com carga horária 40 hora de aulas, incluiu as seguintes matérias: educação física, história da família real, história do palácio de São

Cristovão reserva ecológica da Quinta da Boa vista, português, relação com o público, o guarda-guia, preservação ambiental e oratória.

O projeto “Por Dentro da Quinta foi inaugurado dia 19 de novembro de 2008 com a presença de autoridades do município e da Banda marcial da Guarda Municipal.

#### 5.6. O roteiro das *aulas-passeio* na Quinta da Boa Vista

O roteiro de visitação da aula-passeio no interior da Quinta da Boa Vista entendido aqui como um museu ao ar livre consiste em visitar os elementos arquitetônicos, artísticos e paisagísticos do parque e, principalmente, aqueles de autoria de Auguste Franois Marie Glaziou:

- Museu Nacional, criado por decreto de D. João VI em 18 de junho de 1818 como Museu Real. O Museu Nacional/UFRJ é a mais antiga instituio científica do Brasil. Desde 1892, sua sede ocupa o Pao de São Cristóvão, antiga residência da Família Real. Atualmente, possui o maior acervo de história natural e de antropologia da América Latina com cerca de 20 milhões de peas. Suas exposioes permanentes possuem réplicas e fósseis de dinossauros, cerâmicas Greco-romanas, coleoes de arqueologia brasileira, pr -colombiana e egípcia, e ainda acervo indígena brasileiro. Além disso, o museu também integra a estrutura acad mica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com laboratórios e cursos de p s-graduao;
- Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, inaugurado em 1945, com uma área de 138 mil metros quadrados, local que abriga dois mil animais distribuídos entre r pteis, mamíferos e aves. No setor de fauna, reproduzem-se espécies raras e ameaadas de extino como Urubu rei, a Ararajuba e o Cachorro do Mato Vinagre. Na entrada do Zoológico Rio foi instalado o Pórtico de Northumberland, presente do Duque de Northumberland a D. João VI;
- Ilha dos Amores/Templo em Ruína, simulando uma ruína romana. O monumento é conhecido como Templo de Apollo e foi erguido sobre a ilha dos Amores, em uma grande reforma executada em 1910 pelo arquiteto Luis Rey, período do governo do então presidente da República Nilo Procópio Peanha.

- Portão da Coroa, construído em 1910, em substituição ao mais antigo que data do final de 1808 e começo de 1809 muito bem documentado por Taunay;
- Grutas da Quinta da Boa Vista, projetada e executada pelo paisagista francês entre 1866 e 1876. As grutas artificiais do lago, bem como as estalactites e estalagmites e rochedos foram feitas de estruturas de cimento, pedra, areia e ferro;
- Pavilhão para Música, construído próximo ao Lago Sul, uma ampla e graciosa arquitetura, construída com cimento armado, simulando bambu, com 8m de diâmetro, formando um hexágono, sobre 12m de altura. Conhecido na toponímia carioca como Pagode Chinês ou Pagode Japonês (**Gomes & Mota, 2007**);
- Marco da Coroa, único símbolo do império existente no parque, feito de mármore com o símbolo da coroa, onde se lê: PII e a data da reforma do parque realizada pelo paisagista Glaziou, 1866-1876;
- Lago Sul e Lago Norte, foram separados após a reforma empreendida por Glaziou entre 1866 e 1876, quando construiu a Alameda das Sapucaias em frente ao palácio, hoje museu Nacional;
- Pontes onde os *guarda-corpos* imitam troncos de árvores retorcidas: obra de Glaziou;
- Túnel fluvial que fica sob a retilínea Alameda das Sapucaias, entre o Lago Norte e Lago Sul, onde está fixado os marcos da coroa;
- Rochedos artificiais que impressionam os visitantes, fazendo-os acreditar que esses rochedos são naturais.



### 5.7. Temas ministrados na *aula-passeio*:

- A s Terras dos Jesuítas;
- O Paço de São Cristóvão como residência Real e Imperial;
- Evolução arquitetônica do Museu Nacional;
- Os Jardins sinuosos de Glaziou;
- As transformações científicas do Museu Nacional e Jardim Zoológico;
- O museu, educação e acessibilidade;
- Conservação das Coleções;
- A função educativa dos museus.

Nenhuma enciclopédia conteria, por si só, a quantidade de elementos paisagísticos, científicos e arquitetônicos existentes na Quinta da Boa Vista. Para se ter uma Idéia, o pesquisador, arquiteto e historiador Nelson Pôrto Ribeiro escreveu uma monografia falando apenas do Pórtico de Northumberland (Pórtico de entrada do Riozoo).

Nesse roteiro, pretende-se ressaltar algumas árvores, em especial. Elas compõem o destaque paisagístico da Quinta da Boa Vista, provocando sensações diversas nos visitantes que realizam a *aula-passeio*.

Sendo assim, destacamos a figueira mata-pau, figueira brava e o Pau-brasil, além das peculiaridades que ocorrem em cada uma delas, e que não estão presentes em livros didáticos, por exemplo.

Para a presente monografia destacamos um exemplo: a Figueira brava

### 5.8. Figueira brava

Depois de várias pessoas perguntarem sobre uma determinada árvore que fica localizada atrás do restaurante da Quinta da Boa Vista, resolvemos pesquisar. Realizada a pesquisa na biblioteca do horto botânico do Museu Nacional/UFRJ, descobrimos que a referida árvore é uma *figueira brava*, citada na Bíblia Sagrada, no Evangelho de Lucas, capítulo 19-4 “E correndo adiante, subiu a uma figueira brava para o ver, porque havia de passar por ali”.

Aproveitamos o sucesso musical *gospel* "Faz um milagre em mim" do cantor e compositor Regis Danese, utilizamos um violão para divulgar, através de música, a árvore que compõe o **jardim de Glaziou**.

#### 5.9. Experiência prática

Percebo que depois das realizações das *aulas-passeio*, a maioria das avaliações relatadas pelos responsáveis do grupo, vem expressando admiração positiva pelo projeto, e solicitam para que iniciativas como essa sejam divulgadas. As avaliações elogiam o projeto "*Por Dentro da Quinta e o guarda-guia*".

Como o projeto tem o objetivo de atingir ao público em geral, recebemos desde o aluno do ensino fundamental até o grupo que se convencionou chamar de *terceira idade*.

Ao final das *aulas-passeio* a grande maioria sai com outra concepção a respeito da Quinta da Boa Vista, **eles redescobrem novos objetos em uma nova abordagem**.

Para expressar o agradecimento do visitante, segue, em anexo, foto e dedicatória de uma senhora de 85 anos de idade de idade que se traduz para nós num dos exemplos gratificantes e a certeza, para nós, do dever cumprido. ( **Figura 8 e 9** )

#### Considerações finais

Considerei fundamental fazer um recorte de conteúdo – daí a escolha da presença de Glaziou na Quinta –, dado que a monografia não comportaria o conteúdo que o projeto mais amplo sobre a Quinta da Boa Vista, futuramente, pretende abordar.

Sendo assim, acredito que a partir do conteúdo aqui exposto e de uma abordagem conceitual diferenciada, além das experiências e iniciativas nas quais estou comprometido, com a participação em um projeto mais amplo, tenha podido contribuir para a divulgação do conhecimento em um espaço não formal de educação, através de uma metodologia possível: **a aula-passeio do educador Freinet**.

## eferências bibliográficas

CARVALHO, José Murilo de. *Perfis brasileiros. D. Pedro II*. São Paulo: Ed. Schwarcz LTDA, 2007.

CASADEI, Thalita de Oliveira. Glaziou e a Imperial Quinta da Boa Vista -*Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, n. 348, julho/setembro, Brasília/Rio de Janeiro, 1985.

CAZELLI, Sibebe; COIMBRA, Carlos A.Q. Avaliação formal na educação não formal. In: *Anais da Quarta Reunião da Associação Brasileira de Avaliação Educacional /Abave*, Rio de Janeiro. Disponível em [www.abave.org.br](http://www.abave.org.br). Acesso em 18/10/2009.

COSTA, Marco Antonio F. da; COSTA, Maria de Fátima Barrozo da. *Metodologia da pesquisa. Conceito e técnicas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2009.

DANTAS, Regina Maria Macedo da Costa. A casa do Imperador. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Língua e literatura*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1986.

FERREIRA, João Carlos. A Quinta da Boa Vista de Glaziou. *Leituras Paisagísticas. Teorias e Práxis*, Rio de Janeiro, 2007.

GOMES, Ricarte Linhares; MOTA, Roosevelt Rodrigues. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2007. Coleção Patrimônio Turístico, v. IV.

HEIZER, Alda. *Os jardins de Glaziou na exposição de Paris de 1889*. Catálogo da exposição Glaziou e os jardins sinuosos. Rio de Janeiro: Dantes editora, 2009.

KLINGER, Nair. *São Cristovão: um bairro de contrastes*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1991. Coleção Bairros Cariocas.

MARTINS, Ana Paula. *Glaziou e os jardins sinuosos*. Catálogo da Exposição. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, novembro de 2009 e janeiro de 2010.

MASSARANI, LUISA; TURNEY, JON ; MOREIRA, ILDEU DE CASTRO. Terra Incógnita – A Interface entre ciência e público. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ- Museu da Vida/Fiocruz-Vieira & Lent., 2005

MILLIET, Sérgio. *Viagem pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Linort, 1940.

MIRANDA, Guilherme Gantois; SANTOS, Maria José Veloso da Costa; ESTEVÃO S.N. de Moura; FONSECA, Vitor M. M. *A função educativa dos museus*. Rio de Janeiro: Museu Nacional /UFRJ, 2008.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Secretaria Especial de Turismo – Coletânea dos Valores Publicados de 2005 a 2007. Coleção Patrimônio Turístico.

SAFRA INSTITUTO CULTURAL. O Museu Nacional. São Paulo, 2007.

SAMPAIO, Rosa. Aula-passeio. Disponível em <http://www.abdeppfreinet.com.br>. Acesso em 07/011/2009.

SILVA, Alberto da Costa e. *Almanaque Mulheres reais. Modas e modos no Rio de Janeiro de D. João VI*. Catálogo da exposição. Rio de Janeiro: 2008.

TERRA, Carlos G. O jardim no Brasil no século XIX. Glaziou. 2. ed. Rio de Janeiro: EBA Publicações, 2000.

VICENTINO, Cláudio; DORICO, Gianpolo, História geral e do Brasil. Rio de Janeiro; Scipi

Anexos



Figura 2- Rua Direita –.Rio de Janeiro .Viagem Pitoresca através do Brasil).Rugendas



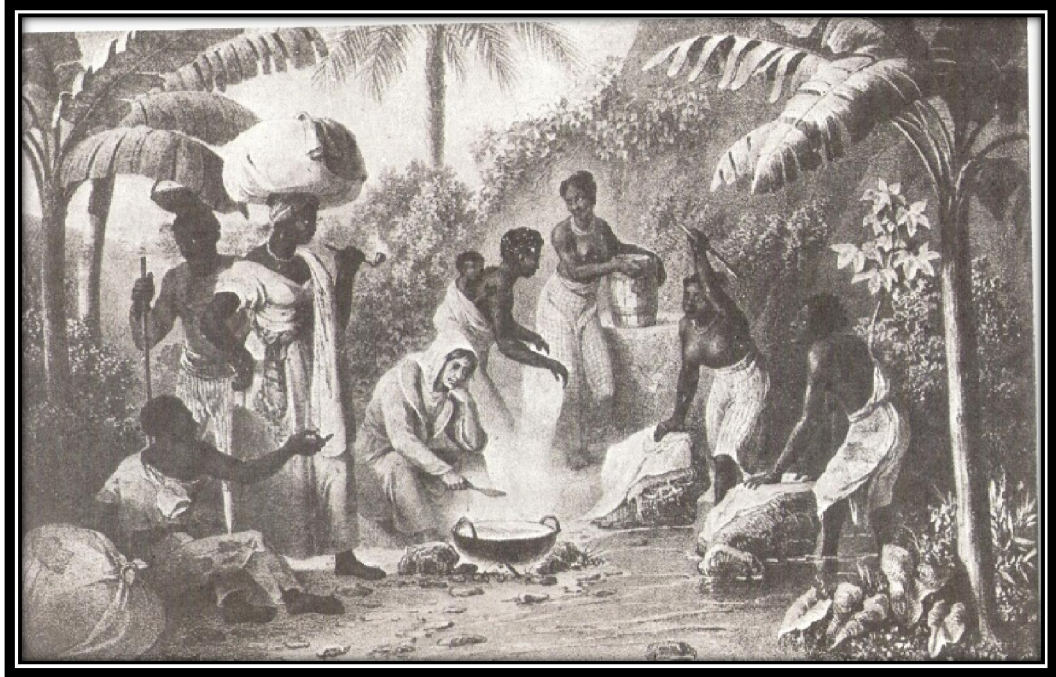


Figura 4 – Quinta da Boa Vista .Nicolas Antoine Taunay . Museu Nacional.

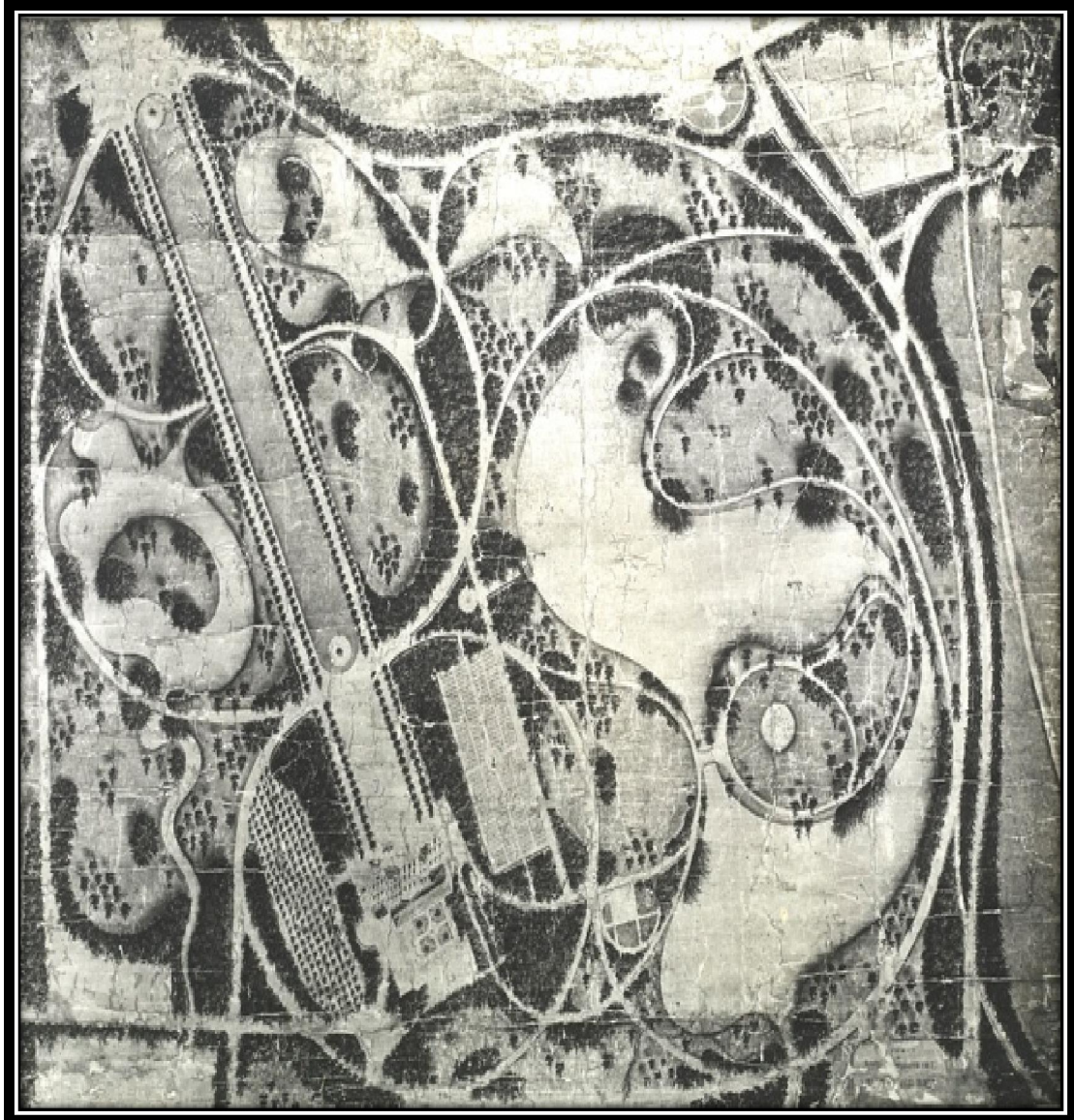


Figura 5 – Projeto de Glaziou da reforma dos jardins da imperial Quinta da Boa Vista





Figura 7- Realização de **Aula-Passeio** (sob a minha orientação) na Quinta da Boa Vista. Projeto Por Dentro da Quinta.





Aos guias da  
Guarda Municipal na Quinta da  
Boa Vista.

Com os nossos agradecimentos pela  
visita guiada e o carinho com  
que fomos acolhidos. Parabéns!  
Lili e família - Fortaleza - ce.

Em Janeiro de 2009 - Rita Pentes - 2502

1 - Rio

Figura 9 – Dedicatória de uma participante da **Aula- Passeio**( sob a minha orientação) na Quinta da Boa Vista. Projeto Por Dentro da Quinta.